

Pentálogo 2, “Economia e Discursividades Sociais: Explorações da Semiose Económica”, Centro Internacional de Semiótica da Comunicação CISECO, Japaratinga, Alagoas, Brasil, 20-25 Setembro 2010.

***Para quê a semiótica? – da hipótese da racionalidade dos agentes económicos à gestão da eficácia***

Ângela Lacerda Nobre – Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal ESCE-IPS [angela.nobre@esce.ips.pt](mailto:angela.nobre@esce.ips.pt)

**Resumo:** A crise financeira de 2008 transformou-se numa crise económica à escala global. Para além dos efeitos económicos directos verifica-se uma onda de efeitos indirectos ao nível da reflexão sobre a forma como as sociedades estão organizadas, como se legitimam os discursos político e científico e como se articulam os jogos de poder nas mais diversas esferas. Para além da crise, que emerge que nem a ponta de um iceberg, ganha forma a transição da sociedade industrial para a pos-industrial, para a economia do conhecimento da era da informação, sociedade globalizada e globalizante. Estes fenómenos, da crise e da transição da sociedade, indiciam uma tensão criadora que abre novas perspectivas de análise, nomeadamente através da semiótica. A semiótica é uma das áreas mais polémicas e controversas da sociedade contemporânea. É, ainda, uma área do saber que é transversal, permitindo-lhe o diálogo e a aproximação quer ao nível epistémico, quer ao nível disciplinar. Esta postura de largo espectro, ou de banda larga, coloca a semiótica numa posição privilegiada para a análise dos fenómenos que afectam a sociedade como um todo, pois acede simultaneamente ao mundo interior e ao mundo exterior da criação de sentido, i.e. às dimensões individual e societal dos processos de significação. Neste contexto, torna-se particularmente fértil o terreno comum às áreas da gestão e da economia. Estas áreas são relevantes não apenas pelo carácter imperialista com que se têm afirmado aos mais diversos níveis da sociedade, tudo dominando, explicando, prevendo e controlando, mas principalmente porque permitem identificar uma chave de leitura quer para a crise que perdura, quer para as transições de fundo que estão a determinar o desenvolvimento futuro. Neste sentido, as questões ligadas à hipótese da racionalidade dos agentes económicos e a gestão da eficácia revelam-se como áreas urgentes de análise. Verifica-se o domínio de um pensamento minimalista, redutor, que apenas atende às relações imediatas, causa-efeito e aos dados quantitativos, numa euforia tecnocrata. Esta perspectiva é ela própria fomentadora da crise, criando entropia no sistema económico mundial. Assim, urge repensar os fundamentos das ciências que nos condicionam, valorizando a criatividade e a crítica construtiva, numa perspectiva de complexidade, de sensibilidade e de realismo. Se a confiança é a moeda de troca da sociedade da informação, então os aspectos simbólicos da criação de sentido são uma chave de leitura imprescindível para a interpretação das oportunidades e desafios do mundo contemporâneo.